

Título: A Amazônia nas viagens de estrangeiros no oitocentos: Paisagens, imagens e interações.

Autora: Carla Oliveira de Lima, Doutora em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ. Marinha do Brasil/ Colégio Militar de Manaus.

E-mail: climaster@gmail.com

Resumo: A Amazônia vem sendo retratada ao longo do tempo como uma área singular do território brasileiro onde a natureza sobrepõe a atividade humana. Considerando as representações sobre o espaço e a paisagem amazônica, esse trabalho pretende examinar algumas narrativas de viajantes naturalistas que atravessaram a região ao longo do século XIX, as quais dão conta do cotidiano das viagens, das relações materiais e humanas do viajante estrangeiro com o lugar que visitou. Algumas narrativas além de exprimirem a representação do mundo tropical, num cenário “exótico”, enfatizam um mundo cheio de possibilidades para a coleta naturalista, ao revelar um cenário cuja riqueza de espécies e a diversidade de grupos humanos – de todas as cores - seduzem o viajante desde o primeiro golpe de vista. Outras dimensões da realidade revelam diferentes ferramentas, agentes e recursos com que o viajante é obrigado a interagir para ir além do porto de Belém. Sobretudo, porque, para o viajante naturalista, o trabalho de campo, diferente de práticas científicas realizadas no espaço fechado do gabinete e do laboratório, não somente eram realizadas ao ar livre como eram dependentes de recursos informais para sua realização. Para entender tal relação, é preciso considerar ainda que o movimento de embarcações, canoas, produtos e homens no espaço amazônico era regido por um elemento fundamental da geografia da região, a saber: a bacia do Amazonas. Com relação a aspectos teóricos-metodológicos, podemos situar esse trabalho na confluência de outras diferentes tradições historiográficas: a perspectiva da história social das ciências e as análises que focalizam as interações do homem com o meio ambiente. Compartilho da elucidação feita por Nancy Stepan: do mesmo modo que algumas visões simplistas observaram a natureza dos trópicos pautadas por um ponto de vista empírico determinista, por outro, podem ser empobrecidas as análises que retrataram o mundo natural como mera construção cultural. Ao contrário de perspectivas reducionistas, o mundo físico, ou seja, o mundo material da natureza deve ser relacionado com as necessidades simbólicas e emocionais de uma sociedade; sendo, por isso, algumas representações que se faz da natureza melhores que outras – isto é, mais sutis, mais precisas ou mais expressivas. Além disso, novos estudos têm demonstrado que as regiões consideradas “periféricas” estão longe de ser passivas na constituição dos saberes científicos. Nessa perspectiva, há uma ênfase no papel das relações interculturais estabelecidas entre europeus e não europeus para o estabelecimento da ciência moderna e da própria modernidade. As noções supramencionadas me permitem visualizar com mais clareza quais os filtros imagéticos, culturais, políticos e sociais que condicionaram as vistas dos viajantes ao longo de seu itinerário de viagem. Pensar na trajetória destes “homens da ciência” no espaço amazônico constitui um grande desafio, fundamentalmente porque o trabalho de campo com seus percursos revela elementos que abarcam diferentes linhagens historiográficas.